



#002 – Quem ainda quer ser professor

11/5/2023

“Não vou estudar pra ficar aguentando desaforo dos filhos dos outros.”

Este foi o relato que ouvi sobre a motivação para desistir de cursar uma licenciatura.

O Censo da Educação Superior, realizado em 2021 indicou que apenas 15% dos estudantes que ingressaram no ensino superior optaram por licenciatura. O comparativo entre os dados das edições de 2020 e 2021 permite perceber que houve redução de 4 pontos percentuais na demanda por cursos de formação de professores.

Ouçá o Ep #002 PodProf

Ou Leia o texto abaixo

Este é o [PodProf](#). Eu sou Claudia Alves e vou discutir “*Quem ainda quer ser professor?*”



A justificativa para não estudar uma licenciatura em função do comportamento desrespeitoso dos alunos surgiu durante uma conversa com um motorista de Uber.

Ele me contava orgulhoso sobre o futuro profissional dos três filhos. O mais velho estava cursando engenharia. Outro havia concluído a pouco o curso de administração. Apenas a mais moça ainda não havia se decidido por uma faculdade.

E como que para deixar claro que a indecisão da filha não significava que ela teria um destino diferente dos irmãos, tratou de fornecer alguns detalhes sobre o motivo dela ainda não estar num curso superior.

Contou que ela fez o magistério. Que ela falava em seguir nesta área. Que parecia empolgada. Mas que desistiu.

E aí, o desfecho do relato, que incomodou meus ouvidos de professora. Ela argumentou que “não iria estudar pra ficar aguentando desaforo dos filhos dos outros”.

"Não vou estudar pra ficar aguentando desaforo dos filhos dos outros."

Em 2021, apenas **15%** dos estudantes que ingressaram no ensino superior optaram por licenciatura.

Culpa dos alunos?

Podcast #002 Quem ainda quer ser professor?

Me preparei para começar a falar. Advogar em prol da profissão. Ou talvez, o melhor seria dizer: professorar em torno do tema.

Em primeiro lugar, porque, definitivamente, não é verdade que os professores passem o tempo todo sendo ofendidos nas salas de aula por seus alunos.

Todos nós conhecemos crianças e adolescentes em idade escolar. Convivemos com alguns deles fora da escola. E percebemos que na relação com os adultos alguns são mais tímidos, mais retraídos. Outros

mais extrovertidos. Alguns mais disponíveis ao confronto, outros à conciliação. E que muitas vezes oscilam entre uma e outra característica.

Sendo assim, os filhos dos outros – os alunos no caso, não são todos iguais. E os que extrapolam o limite de uma convivência respeitosa com seus professores representam a minoria.

Não consigo imaginar um cenário real no qual todos alunos de uma turma, ou a maioria deles, possam ser desrespeitosos com os professores. Narrar os fatos educacionais a partir da suposição de que o coletivo seja composto por uma massa homogênea de sujeitos, pouco contribui para que se encontre soluções para efetivas para os problemas.

É como quando diante de uma adversidade com um grupo de alunos nos referimos à turma como sendo difícil.

Ou quando o professor reclama da frequência dos alunos, dizendo “vocês faltam muito”.

Vocês? Vocês quem? Você 25? Vocês 30?

Nestas situações, volta e meia um deles confronta o professor respondendo: “não fala para mim, não. Eu tô sempre aqui”.

Veja bem, com isto não estou querendo afirmar que os excessos não ocorram. Certamente você consegue lembrar vários eventos para exemplificar a falta de limite de algumas crianças e adolescentes, na sua própria experiência ou a partir de relatos que ouviu de colegas. Mas sabemos, sim, que eles não são a regra.

E o questionamento ao comportamento dos alunos em relação aos professores, sequer, é um fenômeno exclusivo da atualidade. Os castigos corporais utilizados como método disciplinador de crianças e adolescentes que eram corriqueiramente aplicados e aceitos nas escolas brasileiras até o final do século 19, indicam que a necessidade de lidar com as atitudes indesejadas das populações escolares nada tem de novo.

O que de fato muda são as percepções sobre o como se deve lidar com elas.

Outro aspecto importante a considerar é o fato de que muitos professores representam, para grande parte dos alunos, acolhida, orientação, parceria... Sabemos que para muitos desses alunos, alguns professores são os únicos adultos onde encontram isso.

Em todos os professores? Certamente, não.

Assim como no caso dos alunos, professores não são todos iguais.

Se a filha do motorista do Uber tivesse levado adiante seu projeto de realizar um curso de licenciatura abordaria as questões relativas à resolução de conflitos partir de uma perspectiva diferente.

Isto porque, desde sua na formação inicial, acessaria instrumentos profissionais específicos para compreender e atuar diante dos problemas ligados a forma como, nas diferentes etapas da escolarização, os alunos lidam com questões de limite e autoridade.

Licenciar-se para docência pressupõe uma preparação profissional que contemple a aquisição de conhecimentos técnicos para atuar com pessoas: crianças, adolescentes, jovens, adultos...

Ou seja, optar por cursar uma licenciatura inclui lidar com gente. Gente diversa. Gente desafiadora. Gente que aprende conteúdos de áreas específicas de conhecimentos e que também aprende a ser.

Todas as instituições formadoras de professores são eficientes no desenvolvimento destas habilidades profissionais? Provavelmente, não.

Como no caso dos alunos, professores instituições superiores de ensino não são todos iguais.

Infelizmente, um breve percurso de Uber não era suficiente para tentar explicar, a importância dos professores na construção de uma sociedade melhor - com sujeitos críticos, participativos e empáticos.

Me dei conta de que talvez o que fosse possível ser dito ali não fosse nada diferente do que ele já tivesse ouvido várias vezes. Ocorre que o desprestígio social e as precárias condições de trabalho dos professores constituem uma narrativa muito mais potente do que essa.

O Brasil está entre os países que menos valoriza o professor no mundo. E esta desvalorização é o desaforo mais potente endereçado aos professores. É o desaforo que nutre o progressivo desinteresse pelos cursos de licenciatura. Que endossa o desrespeito que os filhos dos outros conferem aos professores.

Ao término da viagem, fiquei lembrando de países nos quais o cargo de professor recebe considerável prestígio e respeito. E do fato de que em alguns deles os pais, inclusive, encorajam seus filhos a seguir a carreira docente.

Será que a diferença são as crianças? Os professores? As escolas?

Incluir a responsabilidade do poder público nesta discussão é fundamental. E requer um esforço considerável para conseguir manter a lógica de negação de um sujeito único.

É praticamente um ato de esperança acreditar que assim como os alunos, os professores e as instituições de formação de docentes não são todos iguais, que os políticos também não são.

Só assim para crer que a importância dos educadores deixe de estar situada somente no Dia dos Professores, ou em período eleitoral.

Caso contrário, vale questionar... quem sabe até desaforadamente:

O que estamos fazendo enquanto sociedade? Pagando pra ver como acaba esse jogo?"

Isso pode prof?

Você pode ouvir o [PodProf](#) no [Spotify](#)



www.profs-intelecto.com.br

